

folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Análise da Disseminação de Informações étnico-raciais no Portal Geledés

Fernanda Carla da Silva Costa

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) convênio com Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestra em Ciência da Informação - Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Bacharel em Biblioteconomia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFPB), Licenciada em História - Universidade Potiguar (UNP).

costacs.fernanda@gmail.com



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilhavalqual 3.0 Brasil](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/).

Resumo

Apresenta o entendimento da informação a partir do contexto étnico-racial, o que permite conciliar esse fenômeno com as práticas sociais dos sujeitos afro-brasileiros, que constroem sua história e cultura em um hibridismo de mobilizações simbólicas marcadas por estratégias discursivas que levam em consideração fenótipo, cor, raça classe, gênero. Nesse sentido, o Instituto da Mulher Negra (GELEDÉS), atua como movimento que tem como finalidade o posicionamento contra opressões e discriminações, principalmente advindas do machismo, sexismo e racismo. No contexto brasileiro de práticas de discriminação racial estruturadas nos fundamentos históricos do Estado-nação, essa fonte de informação tem se preocupado em discutir, as identidades raciais pautadas na mistura de raças, os reflexos desses relacionados a economia, política, segurança pública, educação, dentre tantos outros. Assim, questionamos como o Portal GELEDÉS vem disseminando informações étnico-raciais sobre os conceitos de “negros(as) de pele clara”, “mestiço(as)”, “miscigenação” e “colorismo”. Tendo como objetivo identificar nessas informações, quais os discursos relativos a tais conceitos. Utiliza técnicas bibliométricas e altimétricas para análise da rede conceitual viabilizadas por softwares como Zotero e VOSviewer, bem como o método de análise do discurso. Desse modo, apresenta a rede conceitual que contempla os principais temas abordados nos materiais analisados. Concluímos que temáticas como o racismo se encontram presentes no entrelace das discussões de entendimento da identidade racial dos negros(as) brasileiros(as), o reflexo disso tem sido percebido nos relatos das vivências de sujeitos sempre expostos a processos de subalternização e na recorrência dos discursos sobre essas temáticas.

Palavras-chave: disseminação da informação étnico-racial. Discurso informacional. GELEDÉS.

Analysis the Information dissemination in the GELEDÉS portal

Abstract

It presents the comprehension of information from the ethnic-racial context, which allows reconciling this phenomenon with the social practices of Afro-Brazilian subjects, who build their history and culture in a hybridism of symbolic mobilizations marked by discursive strategies that take into consideration phenotype, color, race, class, gender. In this sense, the Black Woman Institute (GELEDÉS), acts as a movement that has the purpose of positioning against oppression and discrimination, mainly coming from machismo, sexism and racism. In the Brazilian context of racial discrimination practices structured on the historical foundations of the nation-state, this source of information has been concerned with discussing, the racial identities based on the mixture of races, their reflexes related to the economy, politics, public safety, education, among so many others. Thus, we question how the GELEDÉS Portal has been disseminating ethnic and racial information about the concepts of “light-skinned blacks”, “mestizo”, “miscegenation” and “colorism”. In order to identify in this information, which are the discourses related to such concepts. It uses bibliometric and altimetric for conceptual network analysis made possible by software such as Zotero and VOSviewer, as well as the discourse analysis. Thus, it presents the conceptual network that contemplates the main themes addressed in the analyzed materials. We conclude that themes such as racism are present in the intertwined

discussions of understanding of racial identity of black Brazilians, the reflection of this has been noticed in the reports of experiences of subjects always exposed to processes of subordination and the recurrence of discourses on these themes.

Keywords: dissemination of ethnic and racial information. Informational discourse. GELEDES.

1 Introdução

As desvantagens oriundas das discriminações impactam no acesso à informação e conseqüentemente nas oportunidades sociais em função de características como raça, classe, gênero. Estas questões, que envolvem, sobretudo direitos humanos, estão nas encruzilhadas das interseccionalidades, que podem caracterizar os sujeitos a partir da subalternização, qualificados como fora dos padrões normativos, que são preonizadores dos homens brancos cisgêneros heterossexuais e principalmente de classe mais abastada.

As normatizações incluem características tanto dadas pelo privilégio (BOURDIEU, 2014) quanto na diferença pelo viés da vantagem social (BORGES, 2018), o que significa entender que a estrutura do privilégio é construída dentro de um *habitus* (BOURDIEU, 2014) que a construção inclui diversos tipos de poderes nas relações sociais. Já na perspectiva de vantagens, temos os benefícios que são percebidos em relações de um grupo com sujeitos subjugados pelas mesmas subalternizações (SPIVAK, 2010).

A partir desses entendimentos apresentamos o GELEDÉS, uma organização da sociedade civil que trabalha em torno da defesa de mulheres e negros(as), posicionando-se ante às opressões e discriminações que limitam a plena cidadania, principalmente desses sujeitos. A manutenção do Portal GELEDÉS compreende uma de suas ações de trabalho. O *website* tem como finalidade a expressão pública das ações realizadas pela organização e o compromisso político, em ordem de denúncia dos entraves que persistem diante da concretização da justiça social (GELEDÉS, [20--])

O portal é um importante meio de disseminação de informações étnico-raciais, como conceito que engloba os textos didáticos, os manifestos, bibliografias, iconografias, material informacional visual e não-visual – oral, escrito, digital – oriundo do Governo, das Universidades, das Secretarias Municipais e Estaduais, das Organizações Não Governamentais (ONGs), Movimento negro, Museus, Arquivos, Centros de Informação etc, produzido com vistas à promoção da igualdade racial e, dentre outras políticas, que tratam e regulam as relações étnicas baseadas na diversidade humana, frente a luta anti-racista (OLIVEIRA; AQUINO, 2012).

Compactuando com os entendimentos de Almeida (2019) que defende que nossa sociedade contemporânea não pode ser entendida sem o conceito de raça e racismo, colocamos a importância de olhar a partir dessa lente, como faculdade necessária diante de um processo de negações históricas do acesso à informação por e sobre pessoas negras afro-brasileiras, grupo social etnicamente invisibilizado ou visibilizado de maneira depreciativa.

Isso levanta debates acirrados quanto à classificação racial e as pessoas que apresentam uma ambigüidade em relação a essa categorização, uma vez que o discurso corrente em toda nossa história nos apresenta uma necessidade racista e arbitrária de embranquecimento da população brasileira (GUIMARÃES, 2011). Isso nos remete a uma indefinição de identidades que estão gradativamente sendo construídas, reconstruídas e ressignificadas por meio do esforço dos movimentos sociais - principalmente o negro e feminista - em busca de uma consciência e definição identitária do povo negro no país.

Assim, em um processo exploratório no Portal GELEDÉS, percebeu-se que o variado material publicado (crônicas, relatos e relatórios pessoais, notícias, vídeos, resenhas de livros e afins) tanto de produção do próprio instituto, como de blogs e jornais, tem refletido em muito as discussões dos movimentos sociais e suas pautas.

Colocadas estas questões, temos a seguinte problemática: como o Portal GELEDÉS vem disseminando informações étnico-raciais sobre os conceitos de “negros(as) de pele clara”, “mestiço(a)s”, “miscigenação” e “colorismo”? tendo como objetivo geral identificar, nessas informações, quais os discursos relativos à essas temáticas.

Pensou-se inicialmente ter como foco neste trabalho, a busca por um discurso relativo somente à temática “negros(as) de pele clara”. Porém, tornou-se visível ao longo do processo exploratório que pesquisar apenas essa expressão, seria limitado visto que outros temas e conceitos permeiam a necessidade de entendimento sobre essa questão. Assim, os demais conceitos expostos na problemática se mostraram complementares ao alcance do objetivo deste trabalho dado que, fazem parte direta da construção de novos embates nos entendimentos sobre negritude.

Dessa forma, conduzimos a busca no portal com os descritores “negros(as) de pele clara”, “mestiços(as)”, “miscigenação” e “colorismo” com a finalidade de, a partir dos documentos recuperados, extrair os conteúdos representativos das informações étnico-raciais. Diante desse resultado, passamos à análise para verificar quais informações estão sendo propagadas sobre esses conceitos a partir dos seus enunciados e identificar quais e como são vinculados os discursos interligados dentro das informações disseminadas.

Dos procedimentos metodológicos: a pesquisa tem objetivos descritivos (HERNANDEZ SAMPIERI, 2006), abordagem qualitativa (MINAYO; SANCHES, 1993) e método de análise do discurso (FOUCAULT, 2008; 2010). Para organização das referências obtidas no Portal, utilizamos o software Zotero o que nos permitiu gerar dados que foram tratados no software Vosviewer para criação de representações gráficas da rede conceitual que interliga e evidencia os temas mais ocorrentes.

A partir desta perspectiva, verificamos como mesmo em busca da construção, reconstrução e ressignificação da identidade negra e suas múltiplas expressões explícitas na miscigenação, mestiçagem, colorismo e nos negros(as) de pele clara, o discurso dos materiais se concentram no enfrentamento dos aspectos relacionados ao racismo.

2 Aspectos da formação identitária dos negros(as) de pele clara no Brasil

O processo de formação da identidade brasileira para a negritude, ocorre com bases em uma sequência de métodos eugenistas que visavam uma limpeza social por meio do embranquecimento da sociedade, criando a busca por um padrão brancocêntrico dentro da formação da personalidade coletiva nacional.

Hoje compreendemos que apesar de ter fracassado para um total branqueamento no quesito tom de pele, esse processo ainda sim, foi internalizado por meio dos mecanismos psicológicos que dificultam a identidade baseada na negritude e mestiçagem, já que por vias do processo de embranquecimento, sonha-se em ingressar um dia, na identidade branca (MUNANGA, 1999). Para Hall (2005) a identidade é parte da identidade cultural que vem de encontro a identidade cultural nacional, produzida dentro de um sistema de representação. Que no Brasil, a busca por essa formação, se origina do seio da pós-escravidão do século XIX quando a noção de raça também começa a ser explorada, em um contexto emprestado das ciências naturais, empregado para explicar diferenças sociais/culturais, reflexo de uma ciência voltada ao pensamento ocidental imperialista, com vista a concretização do processo de eugenia (GUIMARÃES, 2011).

O processo de miscigenação como mistura de raças - principalmente negros(as), brancos(as) e indígenas - que acontece na sociedade brasileira, resulta no que primeiro é entendido como mestiçagem, que como fenômeno universal, é concebido de maneira primária, como fluxo genético, seguido da mistura cultural. Assim, o produto da mestiçagem é o mestiço, ambivalente, visto ora como o “mesmo”, ora como o “outro” (MUNANGA, 1999).

Com o reconhecimento do processo de mestiçagem, há a busca de um corpo social que precisa ser homogeneizado para a formação da condição de nação, a miscigenação se apresenta como promotora de inúmeras degenerescências, fenômeno a ser combatido e evitado, articulado dentro de regimes de verdade (FOUCAULT, 2008) que instituíram narrativas formadoras da população como corpo-espécie. ou seja, a própria “identidade nacional” (SILVA, 2012), que é organizado pelo biopoder, entendido por Foucault (2008) como tecnologia capaz de prolongar os efeitos do poder, conduzindo assim à eugenia a partir do discurso científico da limpeza e melhora da raça, de saber-poder na constituição da nação brasileira.

As práticas discursivas sobre formação e mistura de raças, que perpassam várias disputas ao longo dessa formação, chegam ao século XX, sendo reinterpretadas, vista a necessidade de tempo para que fossem aplicadas medidas de branqueamento social - como migração dos europeus brancos para o país -, a dissimulação fora dessas medidas, era usar a mistura de raças que aconteça, como ponto positivo na formulação de uma democracia racial, estratégia da biopolítica como homogeneizador da nação (SILVA, 2012), assim, a mestiçagem funcionava e funcionária para a pluralidade e multiplicidade necessária à nacionalidade (MUNANGA, 1999).

O mestiço e a mestiçagem são então um dispositivo do racismo, que nos diz Oliveira (2017) que a internalização desse processo de eugenia se deu a tal ponto que nos dias atuais, a mestiçagem continua adotando um modelo identitário que assume o padrão de uma fluidez de identidade centrada na eliminação do lugar do não-branco.

É nessa continuidade que Daflon (2017) percebe na literatura produzida nas ciências sociais, três posições formadas entre 1930-1970, que sinalizam primeiro o paradigma biologicista ou culturalista da mestiçagem, nas fronteiras de desafios as noções de pureza racial, tendo em seguida, uma posição diametralmente oposta, que ganha corpo em 1940, do mestiço como elemento perturbador da ordem social brasileira, denuncia viva das contradições das barreiras raciais e de classe.

Por fim, na década de 1970, quando o país continua postulando as desigualdades e *status quo* racial graças à mobilidade social. Essas visões têm perspectivas que ao ascender socialmente, os indivíduos incorporam os valores do grupo social branco e silenciam as origens negras, o que historicamente impedia a formação de subjetividades raciais coletivas que pudessem se organizar contra o racismo no Brasil.

É com estas visões mutáveis e algumas vezes diametralmente opostas, que se incita a procura a partir do movimento negro de 1970 para formular e entender a etnicidade dos negros(as), principalmente destes identificados como pardos, que estão em limites dos entendimentos raciais igualmente violentos, postos em negociações entre o “privilégio” da passabilidade e a falta de ascensão e acesso social aos direitos básicos, onde sequer consegue entender o processo de violência que passa pelas suas marcas, símbolos e corporeidade.

O interessante a se observar é que o caráter naturalmente híbrido da mestiçagem, quando no interior desse mecanismo de dominação, não só não impede a discriminação racial, como permite que esta se organize enquanto sistema de arbitrariedades. Nesse sentido, podemos afirmar que a “definição negra”, imposta externamente como um atributo que se cola ao sujeito, depende da “indefinição mestiça”, que faz do corpo um campo propício à manipulação. É precisamente por ser a tal ponto flexível e maleável que a identidade mestiça pode ser “revogada” a qualquer momento. Não existem garantias de que o sujeito que está mestiço não seja tornado negro de uma hora para outra, dependendo de sua posição no sistema de poder. O racismo institui essa revogação, regulando o que é da ordem da indefinição com a arbitrariedade. O racismo brasileiro não se preocupa com definições de uma legitimidade a priori – sujeitos negros com características claramente delimitadas – pois ele é o próprio nome do processo de definir corpos como descartáveis (OLIVEIRA, 2017, p. 15).

Esse percurso assimilacionista nacional, implica em converter os sujeitos em brancos em um caminho que no racismo é visto a partir da avaliação negativa que sempre recaiu sobre os(as) negros(as). Nisso, temos o processo de auto identificação e formação das identidades dos(das) negros(as) de pele clara, que se toma pela proporção direta dos traços negros, como tomada de consciência.

Segundo Nogueira (2007), isto acontece nos momentos de conflito, quando passa por humilhações, que lembram sua identidade racial, sendo ainda mais explícita no que depende das marcas com maior ou menor facilidade, que tenham de contrabalancear características e condições de beleza, elegância, talento e polidez.

Dada a complexidade da formação das identidades e seu contexto fluido de representação e entendimento, contamos ainda com a problemática das classificações de cor, que com frequência descaracterizam o grupo, frente às questões de convivência social no cotidiano e de políticas públicas produzidas pelo Estado. Isso é parte do debate de colorismo, que apesar de compreender a discriminação como baseada em escala de cores de pele escuras, também é responsável pelo entendimento da variedade de cores decorrentes da miscigenação (SILVA E SILVA, 2017), o preconceito vindo disso, é classificado por Nogueira (2007) como de marca, onde o limiar da discriminação parte tanto das funções de características físicas (cor de pele, cabelo, formato do nariz...), como pelas funções de quem observa e suas impressões de discrepância a aparência de identificação do indivíduo:

[...] a tendência do colorismo não é a de, por benevolência, inserir negros de caracteres disfarçáveis em ambientes dominados pela branquitude. Não se trata de acolher pacificamente uma camada mais clara de negros, incentivando uma agregação entre as raças, ainda que de uma parcela. Ao contrário, o colorismo apresenta-se como mais uma faceta de discriminação racial e, ainda que não seja possível mensurar e comparar as discriminações raciais existentes, trata-se de um tipo discriminatório extremamente cruel e violento. Tem o intuito de estabelecer uma desagregação inter-racial, inclusive. (SILVA E SILVA, p. 13, 2017).

Por fim, os mecanismos de branqueamento com finalidade de disfarçar a ascendência negra, são parte do reflexo da formação identitária negra, principalmente nas variações de cores de peles claras, nos quais se tornam mais manipuláveis por práticas que dissimulam a aparência e a cultura dessas negritudes, isso se mostra com a prática do biopoder do Estado brasileiro.

E foi esse advento que deu a essas relações as problemáticas vindas dos dispositivos do racismo e da dominação. De um lado criam-se os que são mantidos alienados ou estimulados a usar das suas vantagens sociais e, do outro lado os que necessitam reafirmar sua auto identificação étnica frente aos preconceitos de raça.

3 Disseminação da informação étnico racial: o papel do instituto da mulher (GELEDÉS)

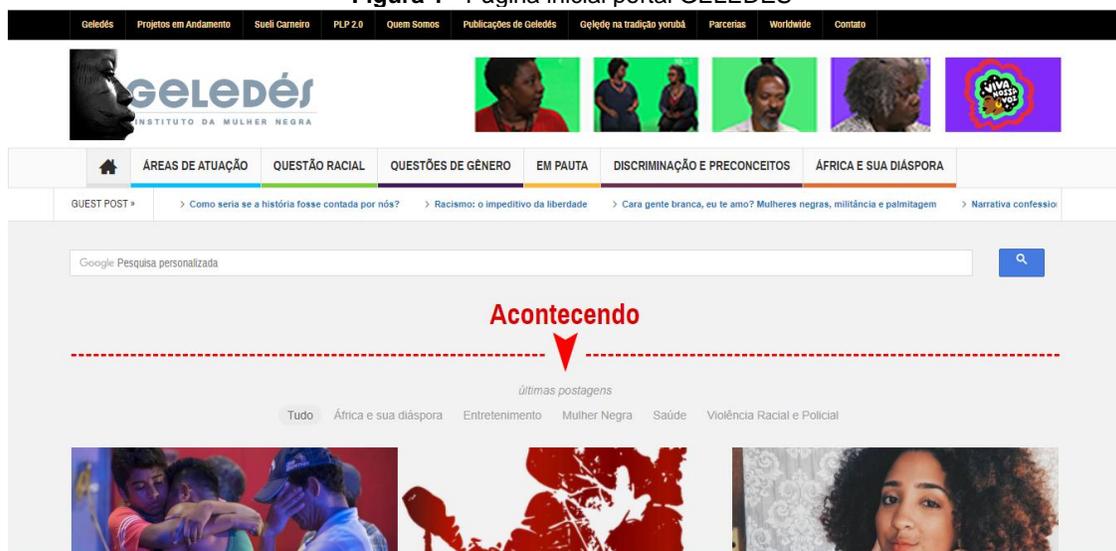
O entendimento sobre a necessidade da disseminação da informação no tocante às questões étnico-raciais nos diversos tipos de fonte de informação, contribui à compreensão das relações entre informação, raça, etnia, gênero e classe, resultando nas possibilidades de redução de conflitos frente aos preconceitos e discriminações sociais.

Em Oliveira e Aquino (2012) a informação étnico-racial é apresentada como uma delimitação do campo da Ciência da Informação, que como conceito se fundamenta na historicidade dos elementos que a constituem, diante da necessidade de disseminação e democratização do acesso e uso da informação sobre diversos grupos étnicos, especificamente os sujeitos afrodescendentes.

No movimento negro, entidades e organizações que atuam e trabalham na disseminação e democratização dessa informação, servem para a construção de uma memória coletiva e individual, marcada por uma cultura que foi invisibilizada na história, pensando em políticas de preservação da informação étnico-racial (AQUINO, 2013).

Na perspectiva das áreas prioritárias da ação política e social das questões raciais, o GELEDÉS foi fundado em 1988, desenvolve projetos próprios e em parcerias com outras organizações, além de monitorar o debate público, o que ocorre em seu portal na web. Trabalha com os eixos temáticos de questões raciais, somando a luta dos movimentos negro pela criminalização do racismo e na eliminação das desigualdades raciais, promoção e valorização social da população negra; questões de gênero com agenda feminista, atuando contra a violência, em defesa dos direitos reprodutivos e direitos sexuais; direitos humanos no sentido de combater a violação e articulação da exclusão social e racial; educação pautada com o objetivo proteger, assegurar e expandir os direitos humanos; saúde na articulação política na implementação de políticas públicas e projetos de prevenção e preservação do Plano Nacional de Saúde da População Negra; além da comunicação para todas essas questões vitais, estratégia e empoderamento dos(as) ativistas (GELEDÉS, [20--]).

Figura 1 - Página inicial portal GELEDÉS



Fonte: Dados da Pesquisa.

Assim, o GELÉDES tem papel importante nacional e internacionalmente, como fonte de informação étnico-racial na web, dissemina informação capaz de dar aos sujeitos condições de modificar suas ações, tendo mais controle e possibilitando a integração com instituições sociais de luta contra o racismo.

Nesse sentido, quanto a apropriação da informação étnico-racial, entende-se que se dá a partir do momento que os sujeitos têm contato com essas informações, tomando para si e sendo capaz de modificar estruturas do pensamento, produzindo, ampliando novos significados, assim como possibilitando a ressignificação de atitudes, ações e comportamentos (SILVA; AQUINO, 2014).

4 Análise do discurso da disseminação de informação étnico raciais no portal GELEDÉS

O discurso em sua forma pronunciada ou escrita, frente às atividades do cotidiano e da banalidade das coisas, tem seus poderes e perigos que sequer adivinhamos, ele atravessa as lutas, vitórias, feridas, dominações e servidões, que dentro de todas as sociedades, têm sua produção controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um número de procedimentos para conter os poderes e perigos (FOUCAULT, 2010).

A oposição de verdadeiro e falso, coloca as coisas em escala de comparação, organizadas em torno de contingências históricas, que são modificáveis através do processo de deslocamento, colocando em jogo o saber no interior dos discursos com vontade de verdade, que está intimamente ligada ao saber, que na sociedade contemporânea está muito mais baseado no que é conduzido pelo institucional.

Assim, a análise do discurso não revela a universalidade de um sentido, mas, traz a luz a raridade que é imposta, é o poder fundamental de afirmação, estabelecendo os limites do controle, já que a crítica analisa os processos e agrupamentos, com a submissão, seleção e o controle (FOUCAULT, 2010).

A partir desse entendimento dividimos nossa busca no portal, primeiro com os descritores: negros(as) de pele clara, mestiços(as), miscigenação e colorismo. Como estratégia de busca, para refinar a pesquisa, foram colocadas aspas duplas no termo “negros(as) de pele clara”, para localizar o composto de todos os termos em títulos, tags e no corpo dos textos.

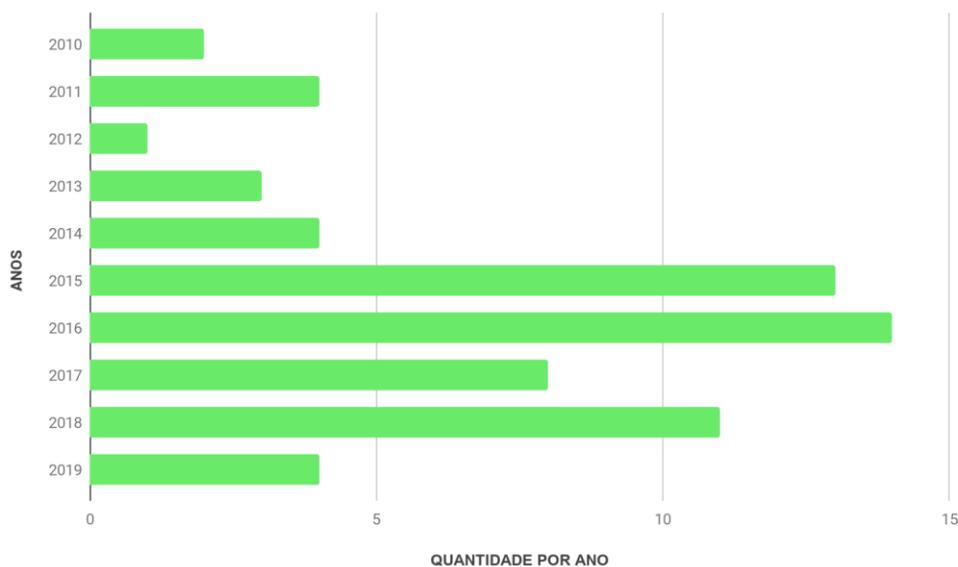
Sabemos ainda, que por meio dos dados censitários de raça do nosso Estado-Nação, considera-se atualmente as nomenclaturas de brancos, pretos, pardos, amarelos e indígenas, nesse sentido consideramos não usar como termo descritor de pesquisa ‘pardo’, por entender, tal qual as discussões da Daflon (2017) que essa categoria pode ou não admitir uma identificação como negros(as), onde não necessariamente suscita um discurso político e identitário expressivo, enquanto aqui,

procuramos evidenciar os caminhos dos discursos identitários no entendimento e na busca da identificação da raça negra brasileira.

Nossa busca foi realizada entre outubro e novembro de 2019, tendo os seguintes resultados: “negros(as) de pele clara” (82 resultados), mestiços(as) (761 resultados), miscigenação (582 resultados) e colorismo (514 resultados), levando em consideração que dentro da plataforma do portal faz-se o uso do buscador do google que remete a base de dados do Portal GELEDÉS, com apenas duas opções de refinamento de pesquisa “relevância” e “data”. Dessa forma, totalizou-se 1.939 resultados, que dentro do período da pesquisa, foram variantes, pois a usabilidade da ferramenta de busca, apresenta muitos problemas quanto a recuperação da informação. Esses materiais costumam ser indexados como *tag* (palavras-chave) as divisões que são apresentadas dentro do site: Questão Racial, Questões de Gênero, Em Pauta, Discriminação e Preconceitos e África e sua diáspora.

Os metadados desses 1.939 resultados, foram salvos e organizados por meio do software Zotero, assim podemos perceber uma variedade de material que se divide, em sua grande maioria, em: notícias de jornais, entrevistas, relatos de consciência identitária frente ao racismo, produções de blogs, páginas na web. Desse resultado total, o primeiro refinamento, que incluiu a análise do título, *tags* e introdução, resultou num total de 64 títulos, classificados de 2010 a 2019.

Gráfico 1 - Quantidade de material para análise final



Fonte: Dados da Pesquisa.

A partir dos dados organizados no gráfico acima, percebemos como essas temáticas começam a ganhar força em 2015, variando pouco de quantidade até 2018, é nesse ponto, que a partir da análise dos materiais, os discursos são inerentes aos efeitos da implementação dos instrumentos legais de critério de seleção de cotistas para o ensino superior e concursos públicos. Esse é um motivador, para a produção e disseminação sobre identidade racial, os questionamentos começam a agrupar problemáticas acerca da auto identificação como negros(as), do morenismo, do mulatismo e do colorismo,

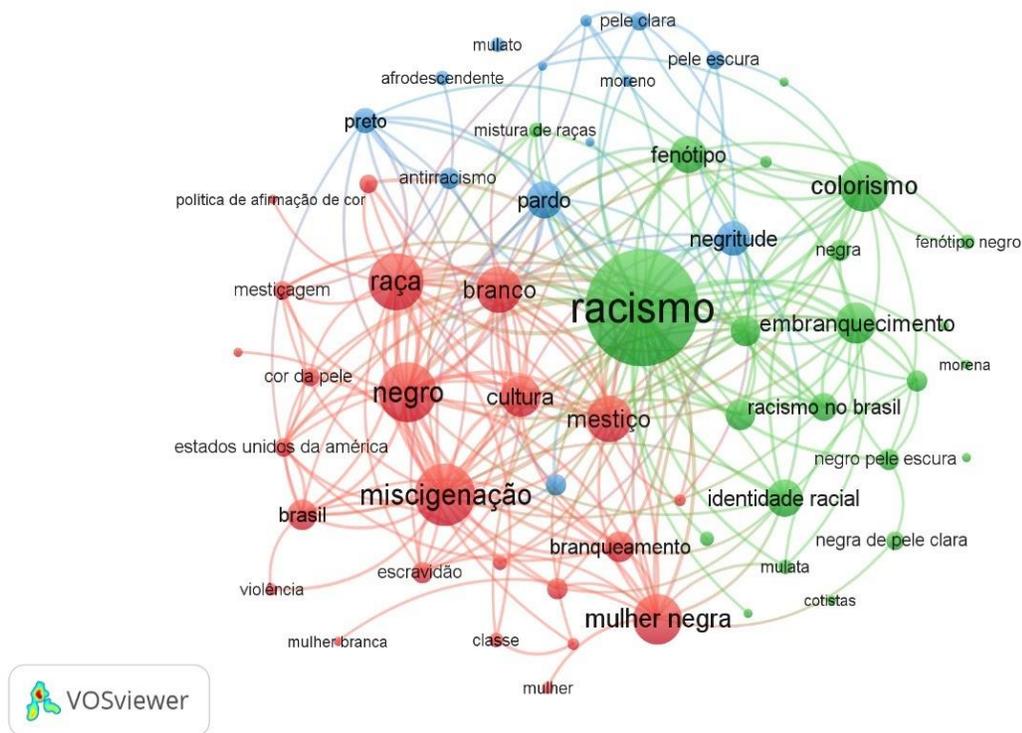
Percebendo os enunciados que fazem parte dessa produção, temos o que diz Foucault (2010) sobre se tratarem de uma manifestação de significação profunda do que ele é, tratando sua irrupção histórica, nas estreitas e na singularidade do acontecimento, que determina as condições de fixar de maneiras mais justas, a partir também, do apreender dos acontecimentos que são de outra natureza para além da discursiva, como a ordem técnica, prática, econômica, social e política. É nesse sentido, que os enunciados desse período, afirmam que os embates do reconhecimento racial eclodiram frente a diversos embates de auto declaração, como “quando as cotas se tornam uma questão moral”.

Outros enunciados focados nesse sentido de auto identificação/declaração, mostram como refletem no cotidiano desse intervalo de tempo estudado, as questões históricas que foram postas pelos processos de preconceito racial, mistura de raças, eugenia e afins, como conceitualmente foram explicadas anteriormente. Parte desses enunciados traz discursos como “negro demais para os brancos; branco demais para os negros”, “Nem morena, nem mulata”, “Sobre brancos, ‘mestiços’ e afroconvenientes”, “Negra, branca ou não branca?”, “Quando descobri que sou preto”, “Onde estão as pessoas brancas como eu?”, todos esses, estão na ordem do discurso formando um conjunto que dão conta da estruturação das identidades dos(das) negros(as) de pele clara, tendo essa dificuldade referencial que é posta por Nogueira (2007) do racismo de marca, que tem como signo principal a cor de pele, é que por ser o principal, parece para muitos, como o único elemento, ressignificando esse entendimento só a partir de vivências em que outros signos de corpo e cultura levam a passar por opressões, desumanização e preconceito, entendendo os outros marcadores sociais do racismo.

Outra parte da nossa análise, concentrou-se em identificar conceitos preponderantes e recorrentes representados no material analisado, de modo a fornecer dados que foram indexados nas etiquetas do software Zotero versão 5.0.81, que por sua vez permitiu a exportação de um arquivo RIS para o software VOSviewer versão 1.6.12.

O VOSviewer possibilitou a análise das ocorrências dos termos previamente informados no Zotero, produzindo também a visualização da interligação dos conceitos dos materiais.

Figura 2 - Rede conceitual



Fonte: Dados da Pesquisa.

Consideramos para composição do mapa acima, o mínimo de três ocorrências para cada termo, obtivemos 60 (sessenta) conceitos principais, do total de 358 (trezentos e cinquenta e oito). A representação produzida no software VOSviewer, separa em três cores, vermelho, verde e azul, as maiores aproximações temáticas desses termos. O conceitos com maior número de ocorrências foram: racismo 37 (trinta e sete); negros 19 (dezenove), miscigenação 20 (vinte) e raça 18 (dezoito), branco e mestiço 15 (quinze), colorismo e mulher negra 16 (dezesesseis), cultura e embranquecimento 13 (treze), fenótipo, pardo e identidade racial 12 (doze), negritude 11 (onze), branqueamento, autodeclaração racial, Brasil e racismo estrutural 10 (dez).

Com maior número de ocorrência para o termo racismo, percebemos que apesar do sistema de reconhecimento da identidade dos negros(as) de pele clara passar pelo problema de delimitação, diante do paradigma da mestiçagem, o dispositivo do racismo segue funcionando com grande eficiência, a ponto de ser possível perceber um processo de genocídio da comunidade negra brasileira como dito por Oliveira (2017).

Da mesma forma que, a quantidade de ocorrências, mostra também, quais categorias conceituais estão próximas nas discussões, como a cultura de embranquecimento empreendida no país, o reflexo disso no colorismo e nas mulheres negras, colocadas como 'mulatas' vítimas da hipersexualização. Isso passa por questões de formação da identidade racial, afirmação de negritude, desconstrução do branqueamento e autodeclaração, que dentro do Brasil compreende todo um processo de formação de sua história de Estado-Nação constituído pelo Racismo Estrutural.

O que por fim, leva a entender que apesar das vantagens sociais dadas aos(as) negros(as) de pele clara, por carregar consigo um signo menos brando de cor, as interseccionalidades que podem atravessar os indivíduos no cotidiano, são uma gama que precisam de reconhecimento dentro dos discursos vinculados, pois são, caminho de reconhecimento para revolução na produção, acesso e uso da informação.

5 Considerações Finais

Compreendemos o GELEDÉS como uma fonte de informação de temática étnico-racial, concebemos que ferramentas como essa, contribuem para ajudar na luta por direitos, democracia e justiça, mas, que por si só, não atendem aos propósitos e demandas da sociedade, porém são relevantes em condições de busca por soluções para atender problemas de grupos etnicamente vulneráveis na sociedade da informação e do conhecimento (SILVA; AQUINO, 2014).

Consideramos que foi possível perceber nos discursos vinculados, um embate que tange a formação da identidade dos(as) negros(as) no Brasil, principalmente considerando nossa história de escravidão, embranquecimento e mestiçagem. O reflexo desses processos na nossa cultura, são hoje, importantes frente a questões decididas no íntimo dos sujeitos, bem como, na estrutura do Estado, que continua subalternizado os indivíduos com diferentes expressões do racismo estrutural.

O portal se mostra eficiente em colocar discussões que instigam e entendem questões como embranquecimento, colorismo e mestiçagem em diversos pontos de vista da negritude, entendendo que o produto desses discursos, são pessoas que vivem o dia-a-dia, muitas vezes, sofrendo com opressões que nem conseguem nomear, muito menos entendem que isso faz parte de um poder, mantido pela força da ordem dos discursos. Por isso, espaços como esse, fortalecem discursos de desconstrução, necessários à história e memória dos afro brasileiros na construção e manutenção de estratégias de combate ao racismo.

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque. A inclusão afrodescendente na era da informação. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 11, n. 2, p. 61-75, maio/ago. 2013. DOI: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v11i2.1638> Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1638> Acesso em: 1 nov. 2019.
- BORGES, Juliana. O racismo é implacável: as diferenças entre privilégio e vantagem social. **Justificando**, [S.l.], 2 fev. 2018. Disponível em: <http://www.justificando.com/2018/02/02/o-racismo-e-implacavel-as-diferencas-entre-privilegio-e-vantagem-social/> Acesso em: 1 nov. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado**: Cursos no Collège de France (1982-92). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- DAFLON, Verônica Toste. **Tão longe, tão perto**: identidades, discriminação e estereótipos de pretos e pardos no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France, 1970. São Paulo: Loyola, 2010.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a arqueologia das ciências: respostas ao Círculo de Epistemologia. In: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008. p. 82-118.
- GELEDÉS. **Áreas de atuação**. [20--]. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/category/areas-de-atuacao/> Acesso em: 1 nov. 2019.

- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Raça, cor, cor da pele e etnia. **Cadernos de Campo**, n. 20, São Paulo, p. 1-7, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/36801/39523> Acesso em: 1 nov. 2019.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993. Disponível em: <http://ref.scielo.org/qfrdbf> Acesso em: 1 nov. 2019.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestões de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 287-308, jun. 2007. Disponível em: <http://ref.scielo.org/6cf4ww> Acesso em: 1 nov. 2019.
- OLIVEIRA, Acauam. A Estrutura Mestiça do Racismo Brasileiro. **Revista Diálogos**, n. 18, p. 5-24, set./out. 2017. Disponível em: http://www.revistadiálogos.com.br/Dialogos_18/Dial_18_Acauam.pdf Acesso em: 1 nov. 2019.
- OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de; AQUINO, Mirian de Albuquerque. O conceito de informação etnicorracial na ciência da informação. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, set. 2012. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v8i2.453> Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3336> Acesso em: 2 jan. 2019.
- HERNANDEZ SAMPIERI, Roberto Hernandez. Definição da pesquisa a ser realizada: exploratória, descritiva, correlacional ou explicativa. In: HERNANDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, María de Pilar. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Mcgraw-Hill, 2006. p. 97-115.
- SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da; AQUINO, Mirian de Albuquerque. Fontes de Informação na Web: apropriação, uso e disseminação da informação étnico-racial no movimento negro da Paraíba. **Transinformação**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 203-212, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://ref.scielo.org/cghc52> Acesso em: 18 jul. 2019.
- SILVA, Mozart Linhares da. Miscigenação e biopolítica no Brasil. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 4, n. 8, p. 192-210, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10480/6822> Acesso em: 18 jul. 2019.
- SILVA E SILVA, Tainan Maria Guimarães. **O colorismo e suas bases históricas discriminatórias**. Revista Direito UNIFACS, Salvador, n. 201, p. 1-19, mar. 2017. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/viewFile/4760/3121> Acesso em: 18 jul. 2019.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Artigo submetido em: 01/12/2019

Aceito em: 31/12/2019



Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia



Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia](#) da [Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade semestral.